

# Contos africanos: do imaginário à construção de identidades

Profa. Daniéla Ramos Vieira

## **Resumo:**

A presente pesquisa deriva do anseio em incluir na dinâmica da aprendizagem de literatura, mais especificamente de contos, elementos da cultura africana. Para desenvolver um trabalho em consonância com a lei 10.639/03, que determina a obrigatoriedade do ensino da história da África, professores da Educação Básica, sobretudo de Arte, Literatura e História encontram-se desafiados a elaborar estratégias pedagógicas que deem conta de fortalecer uma identidade cultural até bem pouco tempo velada. Historicamente nossos alunos foram conduzidos a falaciosas crenças a respeito da cultura africana, em especial no que concerne à religiosidade e costumes, o que, naturalmente, propicia uma resistência à aceitação da mesma. A escolha do gênero conto para legitimar a identidade africana deve-se ao fato de a literatura ser de forte relevância para construir, pelo simbolismo, representações culturais para o público infanto-juvenil. O conto é uma narrativa capaz de transcender o tempo e o espaço real, sem no entanto deixar de contribuir para compreensão e até mesmo superação de questões internas ou externas ao ser humano, fato que corrobora a pertinência da escolha desse gênero para aproximar alunos brasileiros da produção de um dos povos que fazem parte da constituição de sua identidade nacional. Para desenvolver esse estudo foram propostas atividades para uma turma do 9º Ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual de São Gonçalo, RJ, com vistas a recontextualizar os contos em questão. Os resultados dessa pesquisa indicam que é possível romper paradigmas preconceituosos e valorizar a cultura de uma etnia com expressivo número de descendentes nas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, assim como a possibilidade de gradativamente desconstruir estereótipos e preconceitos pela aprendizagem funcional da literatura.

**Palavras-chave:** contos – identidade – cultura africana – recontextualizar

## **1 Introdução**

Contar e ouvir histórias constitui, tradicionalmente, uma prática que contribui para a percepção de mundo. O simbolismo da linguagem literária pode suscitar traços significativos de processos socioculturais. No entanto, na sociedade atual a crescente valorização do imediatismo e do imagético muitas vezes acaba por reduzir, ou até mesmo extinguir, a referida prática. Nesse contexto, o professor (a) de língua materna precisa estar atento (a) à importância de desenvolver um trabalho que resgate a riqueza da literatura, assim como o interesse do jovem leitor em conhecer-se e conhecer a dinâmica social ao qual está inserido.

Com isso, optamos por desenvolver um trabalho capaz de conjugar o processo cognitivo da leitura à questão da identidade cultural, focalizando a identidade africana. Trabalhamos pelo viés da literatura as contribuições da cultura africana a que, em geral, os alunos não têm acesso, dando visibilidade aos saberes e produções pouco valorizados por nossa sociedade, ainda guiada por padrões eurocêtricos.

Resgatamos a prática da contação de histórias, em geral não utilizada a partir do 2º Segmento do Ensino Fundamental, para tornar a aprendizagem mais funcional e também prazerosa. Nesse processo, nossos jovens foram incentivados a recontextualizar os contos africanos e, ao representar as histórias, inserir-se no imaginário de uma das matrizes culturais brasileiras, iniciando, com isso, um processo de reconhecimento e respeito ao negro, em sua identidade, em sua humanidade.

## 2 Refletindo sobre a questão da identidade

A concepção de uma única identidade para representar determinada cultura não é algo muito fácil de se definir, sobretudo em uma nação como o Brasil que recebeu povos de etnias distintas ao longo de sua formação. A partir do século XIX, o processo de globalização acentuou o contato com diferentes culturas, em especial as de países economicamente mais desenvolvidos, o que abre precedentes para a falta de valorização e distanciamento das raízes culturais brasileiras. Não obstante, a escola tem um papel fundamental na preservação do conhecimento a respeito de nossa identidade, entendida como àquela composta pelas culturas **indígenas**, europeias e **africanas**.

A implantação da lei 10.639/03<sup>1</sup> evidencia a pouca atenção dispensada ao ensino da história africana, não a história de sofrimento e abnegação, mas a que foi omitida em prol de interesses de alguns; a que revela aspectos formativos de nossa identidade:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (Hall, 2011: p.51)

Iniciamos nossa proposta de trabalho pelo viés da construção de identidades, focalizando a cultura africana e sua significativa contribuição nesse aspecto, no entanto advertimos para o fato de que mesmo os indivíduos do séc. XXI ainda possuem resquícios de preconceito e temor em relação ao contato com a cultura africana, sobretudo no que tange à religiosidade. Por essa razão, o professor (a) que se dispuser a apresentar a cultura africana, deve conscientizar-se que:

Aprofundar e divulgar o conhecimento sobre os povos, culturas e civilizações do continente africano, antes, durante e depois da grande tragédia dos tráficos negreiros [...] e sobre a subsequente colonização direta desse continente pelo Ocidente a partir do século XIX, são tarefas de grande envergadura. (MOORE, 2010: p. 97)

Como momento para desenvolvermos nossas atividades, selecionamos as aulas de Produção Textual, disciplina ministrada por professores de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II – da Rede Estadual do Rio de Janeiro. O currículo mínimo da rede em questão, destinado ao 9º ano, nosso público, prevê a aprendizagem de Contos no 2º

---

<sup>1</sup> Que torna obrigatório o ensino da história e da cultura do negro na escola brasileira.

Bimestre, o que nos pareceu oportuno para apresentar uma proposta de trabalho pautada no estudo de **Contos Africanos**.

A literatura para o público infanto-juvenil constitui um prazeroso caminho lúdico para a compreensão de questões existenciais, a linguagem cuidadosamente trabalhada, sugestiva e conotativa enriquece a aprendizagem, que de forma mais objetiva talvez não fosse tão significativa para o aluno. Optamos por trabalhar contos folclóricos devido ao seu caráter mitológico, ou seja, sua busca em compreender a existência. Bruno Bettelheim em seus estudos tece as seguintes considerações sobre os contos folclóricos:

... nada é tão enriquecedor e satisfatório para uma criança, como para o adulto, do que o conto de fadas folclórico. Na verdade, em um nível manifesto, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles pode-se aprender mais sobre problemas interiores dos seres humanos... (BETTELHEIM, 1980: p. 13)

Em linhas gerais, podemos distinguir o conto folclórico, ou popular, do literário estruturalmente, devido ao primeiro prescindir da oralidade. No entanto, atribuiremos a literalidade não à sua morfologia, mas ao valor estético e simbólico de sua linguagem ao transpor para o registro escrito sua tradição oral.

A oralidade na cultura africana é ainda hoje muito valorizada como forma de preservação de sua memória histórica. A narrativa oral é uma atividade assumida pelos *griôs*:

As histórias, aprendidas como herança ancestral, mantém viva a tradição. Houve um tempo em que um contador tradicional, um griô só podia nascer numa família de griôs, ou seja, formavam uma espécie de sociedade de castas. E aprendiam, desde muito cedo, as histórias do seu povo, as lendas, os mitos, as histórias genealógicas; aprendiam ainda a tocar o kora e os tambores e as danças rituais. Hoje o uso do termo generalizou-se, e considera-se griô todo contador de histórias africano que faz da narração oral uma atividade profissional. (SISTO, 2013)

Nosso propósito ao sugerir a recontextualização de contos africanos, além de suscitar a pesquisa e a valorização da identidade da cultura em questão, foi dar voz ao discente e incentivar o protagonismo na construção do conhecimento sobre suas raízes culturais, uma vez que, diferente do que ocorre com outras ascendências, a historiografia oficial brasileira ainda carece de estudos dedicados às contribuições da matriz africana no Brasil. Além disso, é comum que a fonte sobre a cultura africana à qual o jovem tem acesso seja a mídia, dessa forma, a intervenção docente torna-se necessária, a fim de atenuar possíveis distorções contextuais, assim como conduzir o jovem brasileiro a desconstruir o estereótipo da imagem do negro como um ser aculturado, despojado de seus valores e costumes:

Até hoje, nas imagens que são veiculadas sobre a África, raramente são mostrados os vestígios de um palácio real, de um império, as imagens dos reis e muito menos as de uma cidade moderna africana construída pela próprio ex-colonizador.

Geralmente mostram uma África dividida e reduzida, enfocando sempre os aspectos negativos, como atraso, guerras ‘tribais’, selva, fome, calamidades naturais, doenças endêmicas, AIDS etc. (KABENGELE / GOMES, 2006)

### 3 Inspirando-se nos *griôs*

Os passos iniciais de nossa atividade foram pautados em reflexões a partir do que seria um conto, expusemos a definição de GOTLIB (1998:13): “O contar (do latim *computare*) uma estória, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as estórias, por escrito.” Acrescentando: “O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos” (Idem). Não foram aqui registradas as explanações feitas pelos alunos, porém, devido à complexidade de definição do que é de fato peculiar ao gênero conto, procuramos nos deter no entendimento alcançado sobre o ato de narrar, de forma oral, uma temática verossímil ou fictícia, sem pormenores estruturais como os descritos por PROPP.<sup>2</sup>

Em seguida organizamos uma roda de leitura precedida por uma conversa informal a respeito de quais histórias africanas a turma conhecia, a generalização do termo **história** em vez de **contos** foi proposital, pois a maioria dos relatos revelou que o legado africano resumia-se à savana, episódios da escravidão além das temerosas considerações a respeito da religiosidade. Na sequência, foi lançada a seguinte questão: \_ Qual princesa africana vocês conhecem? Como esperávamos, a resposta de algumas alunas ficou restrita à **Tiana**, do filme **A princesa e o sapo**, da Disney, a qual retrucamos: \_ E a princesa **Abena**, vocês conhecem?

O silêncio instaurado propiciou o início da leitura de **O casamento da princesa**, de Celso Sisto, um conto popular da África Ocidental que narra a história de uma princesa (Abena) cuja beleza é exaltada com pormenores de traços físicos, característicos da etnia em questão, assim como suas vestimentas. Toda essa beleza percorre a África Tropical, e quando alguns habitantes chegam de outros povoados, atraídos pela notícia de tamanha beleza, os pedidos de casamento também chegam. Os primeiros pretendentes eram personificações de dois elementos (o Fogo e a Chuva), ambos se encantaram pela princesa; a Chuva apresentou-se diretamente à Abena, ofertando-lhe doces palavras e promessas, o que fez a princesa encantar-se e prometer-lhe casamento, já o Fogo apresentou-se para o rei, pai de Abena, que ficou impressionado com seus prodígios e prometeu a mão de sua filha a ele. Quando o rei comunicou à filha o seu casamento com o Fogo, a mesma assustou-se e revelou que já havia firmado compromisso com a Chuva. Para resolver o impasse o rei propôs uma corrida, cujo vencedor se casaria com a princesa. Ao som de tambores cânticos foram entoados para estimular o desafio, nesse momento características de tais elementos misturam-se às dos humanos: “Por mais esforço que fizesse a Chuva, suas gotas eram insuficientes para colocá-la na frente” e “O fogo foi avançando, e deixando para trás apenas as cinzas do que tocava...” (SISTO, 2009: 23). Ao final, uma forte chuva caiu sobre o percurso, favorecendo a vitória da Chuva, e o esperado casamento. Foi emocionante perceber, ao término da leitura, o encantamento da

<sup>2</sup> Para estudo da estrutura do conto recomendamos a leitura de PROPP, VLADIMIR I. Morfologia do Conto Maravilhoso. Tradução: Jasna ParavichSarhan. Organização e prefácio: Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1984, ed. original 1928

maioria, a linguagem metafórica sobre o **fogo** e a **chuva** deixou alguns alunos curiosos a respeito da personificação de tais elementos ou da simples identificação de seres humanos nomeados por essas palavras. Julgamos positivo esse efeito, e propusemos para a aula seguinte a pesquisa de outros contos africanos, os quais seriam socializados em pequenas rodas formadas por grupos de 4 a 6 alunos, reunidos por afinidade. Enfatizamos que o costume de contar histórias na África era, e ainda é, uma atribuição aos *griôs*: contadores de história responsáveis por transmitir suas tradições de geração a geração. No término das leituras, as equipes organizariam **Seminários Criativos** para contar e/ou recontextualizar os contos escolhidos.

### 3.1 Recontextualizando os contos africanos

Reservamos um espaço diferenciado na escola para as apresentações: o **Núcleo de Cultura**, um espaço com aproximadamente 50 cadeiras estofadas, semelhantes às de um teatro, sonorização, computador, telão, Datashow e ar-condicionado, em suma, um espaço confortável. Faz-se necessário acrescentar que a utilização de um ambiente distinto da tradicional sala de aula influenciou, significativamente, o comportamento da maior parte dos alunos, que conduziram com seriedade e formalidade a preparação do que iriam apresentar. Dos sete grupos três produziram vídeos, dois apresentaram presencialmente e dois “esqueceram” a data da apresentação. Dentre os que realizaram o seminário tivemos também alguns eventuais desvios do tema, o que não diminuiu o envolvimento dos mesmos com parte do propósito da atividade.

A interpretação dos contos, por mídia ou de forma presencial, seguiram pelo caminho da encenação: produção e filmagem de um teatro de marionetes de papel para representar um conto popular registrado em um site de **jovens griôs**; encenação e filmagem do conto **Furos no céu**, de Lenice Gomes; encenação do conto **O casamento do filho do vento**, de Arlene Holanda; produção de um *Hap* para o conto **O fogo de Deus**, de Cleyson Gomes, e a leitura de um texto sobre a África e suas narrativas sem um conto específico. O empenho da turma nos permitiu acreditar que é possível desenvolver estratégias que favoreçam a reflexão sobre a identidade cultural africana, mais do que interpretar, os alunos apropriaram-se dos contos africanos, assumindo, naquele momento, o papel de *griôs*, permitindo-se transportar ao imaginário de uma cultura não muito pensada, ou não muito aceita, como a sua própria identidade.

### Considerações finais

Após as atividades desenvolvidas, reconhecemos como é imprescindível a atuação do docente no que concerne à apresentação, aos alunos, de bases formativas culturais e históricas. A sala de aula, uma microestrutura dentro de nossa sociedade, tem a força de afetar a macroestrutura através do conhecimento. Por essa razão, preocupamo-nos em desenvolver estratégias para erradicar o preconceito gerado pela falta de conhecimento e desenvolver a autoestima.

Faz-se necessário dar prosseguimento à pesquisa para que se possa apurar em que medida a recontextualização dos contos africanos modificou a ótica dos discentes sobre a cultura africana, contudo, a qualidade das apresentações nos faz acreditar que, pelo simbolismo da literatura, nos foi possível construir o início de uma consciência coletiva

sobre esse capítulo de nossa identidade cultural, quiçá não foram os primeiros passos de uma gradativa ruptura de atitudes e pensamentos preconceituosos.

Que seja natural aos nossos jovens *griôs* falar da própria história, e registrar na memória as bases de sua cultura. Afinal, conhecendo, e conhecendo-se, aprende-se a respeitar.

## Referências bibliográficas

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*; tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GOMES, Lenice. HOLANDA, Arlene. GOMES, Clayson; *Nina África: contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades*. Ilustrações Maurício Veneza. 1. Ed. São Paulo: Elementar, 2009.

GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2011.

KABENGELE, Munanga. GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. 2ª ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

TABULEIRO DE LETRAS | Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL - UNEB) | ISSN 2176-5782

[http://www.ciadejovensgriots.org.br/Contos\\_Africanos/Contos\\_Africanos.php](http://www.ciadejovensgriots.org.br/Contos_Africanos/Contos_Africanos.php). Acesso em 17/05/14, às 09:00h.

**Daniéla RAMOS VIEIRA, Profa.**

Colégio Pedro II (CPII)

e-mail: [daniravister@gmail.com](mailto:daniravister@gmail.com)